

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM A PARTIR DO BRINCAR NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo Francisco Sales Guimarães¹
Dr. Everaldo Araújo de Lucena²

RESUMO: O brincar configura-se como uma das principais características da infância e é fundamental para o desenvolvimento do aprendente em todos os seus aspectos, seja físico, cognitivo, emocional, psicoafetivo e social. Por meio do brincar, o aprendente consegue ter consciência de si, dos outros, do mundo e das relações existentes entre estes, representando na brincadeira a maneira como enxergar sua cultura, sua realidade e o meio no qual está inserida. Diante disso, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem a partir do brincar nos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, foi realizada uma revisão não sistemática da literatura, pautada numa pesquisa bibliográfica acerca da temática em questão. Nesse sentido, percebeu-se que o brincar não deve ser visto apenas como um momento de diversão, mas deve ser concebido como uma ferramenta básica para a educação, principalmente, nos anos iniciais de Ensino Fundamental, visto que, por meio do brincar, o aprendente encontra recursos para desenvolver sua atenção, concentração, criatividade, autonomia, linguagem, pensamento, raciocínio lógico, entre outros processos psicológicos. Além disso, também foi possível refletir acerca da relevância que o planejamento exerce dentro do trabalho a ser desenvolvido na educação infantil. Dentro dessa perspectiva, percebeu-se que os ensinantes devem levar em consideração o nível de desenvolvimento de cada aprendente, estimulando suas capacidades, habilidades e potencialidades além de respeitar suas necessidades e sua singularidade. Por fim, espera-se que através desse artigo proporcionar algumas contribuições acerca da brincadeira, tornando-se ressignificação na atualidade no que se refere ao ensino e aprendizagem.

Palavras-Chaves: Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Brincar. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Para que a aprendizagem do aprendente aconteça, é necessário que se institua em um ambiente em que o ajustamento afetivo seja primordial. Através das atividades de aprendizagem, o aprendente é desafiada a ir ao encontro do novo, tendo o ensinante como mediador desse processo, sendo o mesmo que planeja as atividades produtivas, estabelecendo a aprendizagem dos aprendente.

¹ Pós-Graduação *Lato Sensu Neuropsicopedagogia* da Faculdade Sucesso; Licenciatura Plena em Pedagogia e Psicopedagogia. E-mail: paulofranciscosb2015@gmail.com.

² Bacharel em Teologia e Filosofia, Licenciatura plena em Geografia, Filosofia e Pedagogia. Especialista em Novas Tecnologias da Educação e Psicopedagogia Institucional e Clínico; Mestre em Gestão Educacional; Doutor em Ciência da Educação; Docente de Metodologia da Pesquisa Científica e TCC da FCSU pelo Departamento de Pós-graduação. E-mail: peveraldo@bol.com.br.

Dentro desse contexto, se faz necessário perceber como se dá a ação docente no espaço dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolarização, vendo a escola como um lugar relevante de desenvolvimento cognitivo e social por proporcionar o aprendente, múltiplos contatos educativos.

A escola de um modo geral como um lugar de transformação e ação social capaz de consolidar mudanças significativas dentro do processo de ensino e aprendizagem, tornando-se, assim, preciso uma discussão e uma reflexão sobre as estratégias dos ensinados desenvolvidas nos espaços pedagógicos e quais perspectivas estas estratégias conseguem cumprir dentro de uma proposta de ensino emancipadora.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva-se em refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem a partir do brincar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mostrando como o brincar implica no desenvolvimento da aprendizagem do aprendentes. É um tema que evidencia, sobretudo, o planejamento e as ações didáticas no contexto das escolas, procurando perceber como as brincadeiras podem ampliar as situações de aprendizagem e de que maneira são utilizadas nas salas de aula.

O uso do brincar no processo do ensino deve se materializar numa perspectiva de envolver o aprendente e transformar a aula em um momento prazeroso. Esse eixo reflexivo em torno da temática em pauta, buscou dar como norte a essa pesquisa, apresentando algumas reflexões acerca do resultado das leituras uma vez que se procedeu uma pesquisa em contexto teórico, enfoque qualitativo e nível bibliográfico para que assim seja possível entender o objeto pesquisado para além das induções.

APRECIACÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL A PARTIR DO BRINCAR

As transformações ocasionadas pela globalização e pela reestruturação das formas de produção capitalistas exigem cada vez mais habilidades intelectuais e de relacionamento social dos indivíduos, aspectos como análise, síntese, criticidade, comunicação clara e objetiva, capacidade de trabalhar em grupo e enfrentar mudanças sociais constantes fazem parte a toda hora da vivência dos sujeitos.

Essa realidade converge para a necessidade de se entender os diferentes níveis de aprendizagem que os indivíduos trazem embutidos em sua mente. É interessante para o sucesso da prática ensinante entender como o conhecimento se internaliza e é

(re)construído pelos aprendentes, pois é a partir desse entendimento que o ensino se torna eficiente e os aprendentes capazes de interferir na sociedade.

Segundo Golçalves (2008, p.12):

Neste sentido, é fundamental que os professores tenham clareza que sua função não é neutra, além do pedagógico tem um sentido social. ter consciência dos seus limites, mas não ser alienado achando que nada é possível fazer. Saber que não resolveremos todos os problemas sociais, mas sem a educação, sem que os trabalhadores se apropriem dos conhecimentos socialmente elaborados não terão condição de lutar por condições mínimas de sobrevivência na sociedade.

Nesse contexto, é importante destacar que a escola tem o papel fundamental de organizar sua prática pedagógica para garantir o saber sistematizado, respeitando e estimulando a aprendizagem dos indivíduos. Para isso, faz-se necessário compreender os níveis cognitivos dos sujeitos. Assim sendo, a construção e fixação do conhecimento é uma tarefa complexa, vários teóricos tentam dar conta dessa problemática a fim de compreender as formas de aprendizagem e assim elaborar práticas pedagógicas eficientes.

Para Piaget (1974) o processo de desenvolvimento se dá através do restabelecimento do equilíbrio entre a estrutura precedente e a ação do meio, sendo que essas estruturas se sucedem de forma que cada uma assegura um equilíbrio mais estável do que o anterior, ou seja, a aprendizagem se dá por etapas, cabendo ao ensinante conhecer essas etapas para a elaboração de um trabalho que priorize a evolução entre os estágios, de modo que a aprendizagem é algo desenvolvido biologicamente e internalizado no sujeito.

Tal concepção repousa na ideia de que o conhecimento se dá através da percepção, compreensão, indução e dedução. Todos internalizados ao sujeito. Assim sendo, a aprendizagem é definida como “a união das aprendizagens e dos processos de equilíbrio” (PIAGET 1974, p 54). É um conceito que aponta para a aquisição do conhecimento através das experiências que os sujeitos realizam na busca da adaptação da sua estrutura cognitiva à realidade que o cerca.

Em relação a essa afirmativa, Piaget (1974, p 85-86) diz que

O que é aprendido nada mais é do que o conjunto das diferenciações devidas à acomodação, fonte de novos esquemas em função da diversidade crescente dos conteúdos. Em compensação, o que não é aprendido é o funcionamento assimilador com suas exigências de equilíbrio nas quais já discernimos o esboço das classes com suas inclusões, suas interações e

seus agrupamentos como sistemas de conjunto. Mas devido a essas interações entre assimilação e acomodação, a aprendizagem e a equilibração constituem esse processo funcional de conjunto que podemos chamar de aprendizagem.

Assim, é possível entender que a aprendizagem para Piaget é muito mais abrangente do que normalmente se coloca nos debates pedagógicos. É uma propriedade fundamental do homem que apresenta uma relação recíproca com a multiplicidade de fatores tanto individuais quanto coletivos.

Indo mais além dessa questão, é importante destacar que a aprendizagem não se dá de forma isolada, é preciso que os indivíduos estejam inseridos em algum contexto social para que na troca de experiências, possam ser capazes de endossar seus níveis de conhecimento em um processo de aquisição de informações, habilidades, atitudes, valores, dentre outros aspectos que só adquirem sentidos se executados dentro de um contexto cultural.

Dentre desse aspecto, é interessante destacar o que diz Neves (2006, p.6) sobre o entendimento de Vygotsky a respeito da aprendizagem como fruto da interação com o meio.

[Vygotsky] concebe o homem como um ser histórico e produto de um conjunto de relações sociais. Ele se pergunta como os fatores sociais podem modelar a mente e construir o psiquismo e a resposta que apresenta nasce de uma perspectiva semiológica, na qual o signo, como produto social, tem uma função geradora e organizadora dos processos psicológicos. O autor considera que a consciência é engendrada no social, a partir das relações que os homens estabelecem entre si por meio de uma atividade significativa, portanto, pela mediação da linguagem. Os signos são os instrumentos que, agindo internamente no homem provocam-lhe transformações internas, que o fazem passar de ser biológico a ser sócio histórico. Não existem signos internos, na consciência, que não tenham sido engendrados na trama ideológica semiótica da sociedade.

Esse conceito leva ao entendimento de que a aprendizagem ocorre através da transformação e da interação que acontece entre o sujeito e o meio social e cultural ao qual está inserido. O desenvolvimento humano, para a concepção de Vygotsky é compreendido não como fator isolado, mas como produto de trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida entre indivíduo e meio.

Assim sendo, os conceitos até aqui expostos corroboram para o entendimento de que a aprendizagem é uma estrutura humana complexa que leva em conta tanto fatores individuais quanto sociais. Os sujeitos estão predispostos a desenvolverem suas

competências intelectuais, bastando para isso que a prática pedagógica esteja em consonância com esse entendimento e o ensino institucionalizado perceba a multiplicidade de variantes que a aprendizagem apresenta.

De fato, compreender os níveis de aprendizagem requer do ensinante uma atenção redobrada, pois a confluência das teorias deve servir com embasamento e não como um fim em si mesmo uma vez que as salas de aula não se constituem em um ambiente homogêneo, tampouco comportam sujeitos com grau de desenvolvimento igual.

Nesta perspectiva, a prática pedagógica deve ser construída de acordo com a realidade apresentada sendo capaz de relacionar os conhecimentos que os aprendentes já possuem da sua vivência cotidiana com novos conteúdos, propiciando condições para que o processo de ensino-aprendizagem tenha sentido, considerando ensinantes e o aprendentes parte de uma realidade concreta.

No que se refere por aprendizagem significativa, entender como o processo de aprendizagem acontece é um fator primordial para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que contemple as necessidades dos aprendentes e consiga estabelecer uma relação direta entre o saber trazido pelos sujeitos e o conhecimento escolarizado.

Nesse caso, é preciso que o ensinante tenha consciência de que os conteúdos para serem realmente absorvidos pelos indivíduos devem estar conectados com aquilo que eles já sabem, ou seja, a escola precisa partir dos conceitos já formados para assim construir uma pedagogia com sentidos contextualizados.

Para Pelizzari et al (2002, p.38):

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas do conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Nesse processo, para haver uma aprendizagem que consiga representar elementos significativos para os aprendentes se faz necessário primeiro que o aprendente tenha disposição para aprender para que o ato de aquisição não seja mecânico, segundo que os conteúdos ministrados contemplem um significado reconhecível dentro dos conhecimentos já instituídos.

Dentro dessa perspectiva, Ausubel (1980) inaugurou o conceito de

aprendizagem significativa ao afirmar que esta modalidade de apreensão do conhecimento ocorre quando uma nova informação relaciona-se de modo não arbitrário com outra informação pré-existente na estrutura cognitiva do aprendiz. Quando este fato ocorre, os dois conhecimentos, o novo e o antigo se entrelaçam de tal maneira que formam um terceiro, modificado e expandido.

Essa teoria constrói a compreensão de que a aprendizagem torna-se mais eficiente na medida em que leva em consideração os conhecimentos prévios dos sujeitos, fator pelo qual o ensinante necessita ter total percepção sobre o nível de seus aprendentes para assim formular uma prática eficiente.

Para Damasio & Melo (2013, p.72):

A principal sugestão de Ausubel para manipular a estrutura cognitiva do sujeito facilitando a existência de condições para que ocorra a aprendizagem significativa é a estratégia chamada por ele de organizador prévio. Esta estratégia pode ser constituída por materiais introdutórios apresentados antes do material instrucional em si, em um nível alto de generalização e abstração que serve de ponte entre o conhecimento prévio do sujeito e o campo conceitual que se pretende que ele aprenda significativamente. Organizadores prévios podem ser vistos como pontes cognitivas. Eles podem fornecer ideias norteadoras no campo conceitual a ser introduzido. Podem servir de ponto de apoio inicial quando o sujeito não possui os conceitos necessários para que a aprendizagem significativa ocorra. Sua principal função é a de mostrar ao sujeito a relação entre o conhecimento que ele já tem e os novos que irão se apresentar em seguida.

O uso dos organizadores prévios revela a necessidade de interação entre ensinante e aprendente, é um elemento que contribui para que ocorra a (re)construção do saber porque ocasiona aos sujeitos a busca por relações entre o que lhes é apresentado e o que já sabem a respeito.

Nesse sentido, é um aspecto que aponta para a necessidade de um diálogo mútuo entre os saberes uma vez que os conceitos são assimilados dentro da estrutura cognitiva dos sujeitos contribuindo para sua diferenciação, elaboração e estabilidade dentro de uma constante sistematização do conhecimento.

Sobre esses elementos, Moreira (2008, p.24) coloca que

Os organizadores prévios podem tanto fornecer “ideias âncora” relevantes para a aprendizagem significativa do novo material, quanto estabelecer relações entre ideias, proposições e conceitos já existentes na estrutura cognitiva e aqueles contidos no material de aprendizagem, ou seja, para explicitar a relacionabilidade entre os novos conhecimentos e aqueles que o aprendiz já tem, mas não percebe que são relacionáveis aos novos. No caso de material totalmente não familiar, um organizador “expositivo”, formulado em termos daquilo que o aprendiz já sabe em outras áreas de conhecimento, deve ser usado para suprir a falta de conceitos, ideias ou proposições relevantes à aprendizagem desse material e servir de “ponto de

ancoragem inicial'. No caso da aprendizagem de material relativamente familiar, um organizador "comparativo" deve ser usado para integrar e discriminar as novas informações e conceitos, ideias ou proposições, basicamente similares, já existentes na estrutura cognitiva.

Assim, a noção de aprendizagem significativa definida e estruturada a partir do entendimento dos organizadores prévios contribui para o enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno porque aciona lembranças que os sujeitos têm de determinados assuntos, oportunizando uma nova aprendizagem. É uma modalidade que se pauta na descoberta e induz à interação na medida em que os indivíduos constroem seu entendimento dialogando com sua capacidade de aprender.

Nesse sentido, Moreira et al (1997, p.20) conceitua a aprendizagem significativa como:

Relacionamento não arbitrário e substantivo de ideias simbolicamente expressas a algum aspecto relevante da estrutura de conhecimento do sujeito, isto é, a algum conceito ou proposição que já lhe é significativo e adequado para interagir com a nova informação. É desta interação que emergem, para o aprendiz, os significados dos materiais potencialmente significativos (ou seja, suficientemente não arbitrários e relacionáveis de maneira não arbitrária e substantiva a sua estrutura cognitiva). É também nesta interação que o conhecimento prévio se modifica pela aquisição de novos significados.

É um conceito pertinente porque aborda a necessidade de se estabelecer uma didática fundamentada na dinâmica e que valorize a percepção e o envolvimento dos aprendentes através do que é comum ao seu contexto social, pois a verdadeira aprendizagem se dá quando o aprendente (re)constrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilita-lo agir e reagir diante da realidade.

Nessa perspectiva, é válido afirmar que a aprendizagem significativa ao priorizar os conhecimentos prévios que os aprendentes trazem para o contexto da sala de aula, abarca uma dimensão social pertinente na medida em que favorece aos sujeitos a possibilidade de estabelecer uma relação profícua entre o conhecimento que têm e o saber exposto pela escola. Esse aspecto revela uma intensão democrática porque não estabelece hierarquias entre os saberes, fator esse que enriquece a prática pedagógica.

Ao entender a aprendizagem e sua relação com a prática social do ensinante, de todas as preocupações que envolvem a prática pedagógica, sem dúvida a aprendizagem é a questão que mais desperta o debate entre os estudiosos do tema. As mudanças sociais, políticas e econômicas exigem dos sujeitos cada vez mais competências

cognitivas, realidade essa que reflete diretamente nas formas de ensino, uma vez que a escola atua como mediadora social entre os indivíduos e o meio que os cerca.

Entretanto, é interessante observar que a prática pedagógica deve objetivar o desenvolvimento de tais capacidades cognitivas aos aprendentes, favorecendo a construção do conhecimento de forma que seja usado por toda a sua existência. É um processo que descortina a necessidade de um aprofundamento, pois a ação de aprender traz embutida uma série de elementos que podem contribuir para a reflexão social e, portanto, se faz necessário passar constantemente por uma revisão teórico-metodológica.

Em relação às mudanças tecnológicas e suas implicações no processo de ensino aprendizagem, é importante destacar que dentro dessa nova realidade, a escola tem que tentar compreender os impactos dessas transformações e assim, ocasionar a reflexão acerca do tipo de ação que precisa desenvolver a fim de ocasionar o encontro entre teoria e prática. Sobre esse aspecto, Gonçalves (2008, p.7) afirma que:

(...) a escola em cada momento da história, respondeu à sociedade dentro do que era proposto para o desenvolvimento da mesma. Hoje, a escola também está sendo chamada a dar sua resposta às necessidades atuais. Portanto, compete aos professores buscar conhecimento profundo da área em que atua, bem como o saber pedagógico e o saber político para conseguir entender as propostas e mudanças constantes e atuar de forma segura e crítica, mediante os princípios que consideram realmente necessários à formação humana.

Assim, a aprendizagem pode ser entendida como o fator chave da atuação pedagógica na medida em que traz em seu escopo a necessidade de uma intensa busca e aprimoramento da prática. É para seu sucesso que os ensinantes travam cotidianamente seus esforços e perspectivas na medida em que desenvolvem sua atuação em prol da construção do conhecimento por parte dos sujeitos. Conhecimento esse que deve servir de partida para que os indivíduos tenham condições de atuar na (re)construção da sociedade à qual estão inseridos.

Diante desse entendimento, Cruz (2008, p.1025) pontua que:

É importante destacar também a necessidade de se saber processar informação, mesmo porque ela, por si, não implica conhecimento, importa mais a capacidade reflexiva e crítica que o indivíduo é capaz de desenvolver ante o conteúdo que ela traz. Informação, sem uma mente que a analise, que a reflita, que a compreenda e que a use adequadamente, é inútil para o crescimento intelectual do sujeito. A capacidade reflexiva do aluno é elemento essencial para o discernimento do conhecimento, já que é ela que o torna capaz de interpretar, comparar, ponderar e integrar as informações.

Esse conceito recai na ideia de uma educação voltada para a reflexão e ação do aprendente, é um aspecto que contribui para a formalização do entendimento de que a aprendizagem é algo que se constrói com o objetivo de estimular nos indivíduos a capacidade de criar coisas novas e de interferir na sociedade de maneira crítica e construtiva.

Essa tomada de consciência é o grande propulsor da educação atual e para que essa ação seja efetivada se faz necessário entender de que forma os sujeitos apreendem o ensino que lhes é repassado, como constroem seus entendimentos e de que maneira usam esses saberes em suas vivências e interações sociais.

É uma tarefa que acompanha toda a ação pedagógica, pois o processo de ensino-aprendizagem é construído de acordo com a interação que se estabelece entre o ensinante e o aprendente. Ambos são protagonistas no mesmo cenário social de modo que a aprendizagem é uma ação que traz em seu bojo a construção de significados e esse aspecto se concretiza na mediação entre docentes e discentes. Sobre esse entendimento, Tunes et al (2005, p.690) coloca que

O processo de ensino-aprendizagem é um espaço de relação que delinea perspectivas analíticas interessantes. Um grupo de alunos e seu professor estão mergulhados em diferentes possibilidades interativas. A despeito de desempenharem funções inerentes a papéis que lhes são reservados e tidos como esperados, na instituição escolar estão em processo contínuo de criação intersubjetiva de significados que, por sua vez, podem gerar novas possibilidades de relação. Nesse processo, integram-se histórias e vivências, tornando-se presentes e se atualizando sentidos subjetivos.

De fato a aprendizagem, para se tornar efetiva, deve contemplar essa relação entre ensinante – aprendente em que o primeiro favoreça ao segundo o desenvolvimento de suas habilidades, disponibilizando meios para a concretização do conhecimento, uma vez que o sentido do ato de aprender deriva da significação e funcionalidade dos saberes para a vida do sujeito.

Esse aspecto é mais bem compreendido através da afirmação de Zabala (1998, p.38)

O papel ativo e protagonista do aluno não se contrapõe à necessidade de um papel igualmente ativo por parte do educador. É ele quem dispõe as condições para que a construção que o aluno faz seja mais ampla ou mais restrita, se oriente num sentido ou noutro, através da observação dos alunos, da ajuda que lhes proporciona para que utilizem seus conhecimentos prévios, da apresentação que faz dos conteúdos, mostrando seus elementos essenciais, relacionando-os com o que os alunos sabem e vivem, proporcionando-lhes experiências para que possam explorá-los, compará-los, analisa-los conjuntamente e de forma autônoma, utilizá-los em situações

diversas, avaliando a situação em seu conjunto e reconduzindo-a quando considera necessário, etc. Dito de outro modo, a natureza da intervenção pedagógica estabelece os parâmetros em que se pode mover a atividade mental do aluno, passando por momentos sucessivos de equilíbrio, desequilíbrio e reequilíbrio. Assim, concebe-se a intervenção pedagógica como uma ajuda adaptada ao processo de construção do aluno; uma intervenção que os ajuda a percorrê-lo (...) a situação de ensino-aprendizagem também pode ser considerada como um processo dirigido a superar desafios, desafios que possam ser enfrentados e que façam avançar um pouco mais além do ponto de partida. É evidente que este ponto não está definido apenas pelo que se sabe. Na disposição para a aprendizagem, e na possibilidade de torná-la significativa, intervêm, junto às capacidades cognitivas, fatores vinculados às capacidades de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social.

Dentro desse entendimento, é possível perceber que a aprendizagem se dá através da percepção que os aprendente fazem de suas potencialidades diante dos desafios a quem são expostos, é uma concepção que leva em conta a interação entre os sujeitos, sua cognição e o saber ao qual são apresentados. É uma construção que tem como mediador o ensinante e que requer uma constante busca e ressignificação dos saberes.

Para Cerqueira (2006) o objetivo da educação não é simplesmente o de efetivar um saber na pessoa, mas seu desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende. Essa afirmação corrobora com a ideia de que a aprendizagem é uma competência a ser estimulada no sujeito, uma vez que ele se apropria do conhecimento e terá condições de utilizá-lo em sua vida prática.

Assim, é preciso que o ensinante tenha consciência de que deve ensinar aquilo que faça sentido para estar na realidade do aprendente. Esse aspecto traz embutido uma demanda social, uma vez que requer da prática pedagógica uma reflexão acerca de que conhecimento é pertinente no contexto da sala de aula para que a aprendizagem seja significativa e consiga despertar o interesse dos aprendente. Sobre esses apontamentos, é interessante destacar o que diz Gagliari (1999, p.37-38)

A aprendizagem é sempre um processo construtivo na mente e nas ações dos indivíduos. (...) aprender depende muito da história de cada aprendiz, de seus interesses, de seu metabolismo intelectual. A maneira como aquilo que é ensinado passa a ser algo aprendido é do foro íntimo de cada indivíduo. Obriga-lo a agir diferentemente é uma violência contra sua liberdade e racionalidade. (...) A aprendizagem precisa partir de uma opção individual. O fato de se ter um professor, uma classe, uma turma de alunos não significa que se tem uma escola. É essencial saber o que faz o professor e o que fazem os alunos, o que compete a cada um, o que cada um espera do outro. Sem uma visão clara e correta da atividade escolar, corre-se o risco de se colocar em prática um processo de educação totalmente equivocado.

Assim, é possível perceber que o desenvolvimento da aprendizagem dos aprendentes traz em seu contexto a ideia de que a prática ensinante requer a ampliação da consciência sobre a própria prática. Isso se dá pela reflexão na ação, reflexão sobre o que faz, sobre as decisões que toma e, principalmente, sobre o conhecimento dos diferentes níveis e modalidades que o processo de aprendizagem comporta.

Dessa forma, o ensinante assume um importante papel no processo de ensino-aprendizagem, pois é ele o responsável pelo desenvolvimento de situações que contribuam para que os sujeitos possam efetivamente adquirir os saberes. Escreve Cerqueira (2006, p.32) uma vez que

A sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes. O aluno precisa se apropriar das informações que circulam nos meios sociais e culturais para transformá-las em conhecimento. Não podemos perder de vista que essas informações deveriam fazer sentido para a vida desse sujeito, para que ele possa ser articulado com suas ações, seus objetivos e seus sonhos e outras aspirações que tenha.

Esse aspecto, leva ao entendimento de que a aprendizagem é um ato individual, mas que se dá mediante a interação do indivíduo com outros sujeitos, com o meio social ao qual está inserido e principalmente por meio da mediação do ensinante, principal agente possibilitador da formação cultural dos aprendente.

De fato, a sala de aula é um lugar complexo onde se encontram sujeitos que participam de ambientes sociais diversificados e que estabelecem uma relação de convivência e colaboração em que a aprendizagem deve se dá através do trabalho contínuo e coletivo, na medida em que o ensinante colabora com a formação do aprendente na sua totalidade através da consciência, do caráter, da ética e da cidadania tendo como principal objetivo a emancipação humana.

Nesse contexto, deve-se levar em conta que os envolvidos nesse processo têm características diversificadas, o que leva ao entendimento de que a aprendizagem não se dá de forma homogênea para todos os aprendente. Os sujeitos não são iguais em sua concepção e modos de agir, assim sendo, o modo como se apropriam dos conhecimentos e os usam em seu cotidiano varia incontestavelmente.

Esse aspecto leva a crer que a prática pedagógica deve estar em constante

reflexão, pois sendo o ensino uma ação de interação social e os aprendente seres dotados de múltiplos conhecimentos pré-estabelecidos, se faz necessário que o ensinante seja capaz de saber reunir esses elementos em prol de uma aprendizagem significativa e atuante. Dentro desse entendimento, (Cerqueira, 2006, p.34) coloca que

Caberia ao professor ação consciente das funções que desempenha na sua sala de aula. Essa tomada de consciência os levaria a organizar seu trabalho pedagógico de forma a desenvolver no educando suas várias capacidades, como a de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo, fazendo com que ele realize, por meio da interação educativa, a construção do conhecimento. Assim, o professor agiria como facilitador das relações e problematizador das situações.

Assim sendo, é preciso perceber que o ensino desenvolvido pelo ensinante deve levar em conta a multiplicidade das capacidades cognitivas dos sujeitos, entendendo que a prática deve contemplar todas as especificidades que devam contribuir para a boa aprendizagem dos aprendentes, é uma tarefa complexa que traz embutida a necessidade de um trabalho intenso de reflexão sobre a própria prática.

O desenvolvimento integral dos sujeitos depende tanto de cuidados relacionais, os quais envolvem uma dimensão afetiva, quanto cuidados pedagógicos aqueles que se direcionam ao desenvolvimento das capacidades de interação com o meio e com saberes socialmente construídos.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental devem atender a fatores que estejam em consonância com as novas perspectivas educacionais, as quais incluem a aprendizagem como uma construção necessária diante aos contatos com a escola. Assim, nesse espaço o brincar deixa de ter uma conotação assistencialista e passa a adquirir um caráter educativo, visto como um momento privilegiado de interação entre os sujeitos, reconfigurando os conceitos em torno desse segmento educacional.

Entretanto, integrar o brincar e o educar, criando condições para que os aprendentes tomem contato com situações de aprendizagens e possam desenvolver sua autonomia enquanto sujeitos sociais, é preciso que o aprendente seja amparado por uma pedagogia capaz de atendê-la em todos os seus aspectos de natureza natural e dentro de um ambiente acolhedor com atividades pensadas para o seu desenvolvimento, fazendo com que neste segmento ocorra uma formação contínua em um aspecto agradável e acolhedor.

Nesse novo sentido de incluir o ensino e aprendizagem baseado em aspectos como a expressividade e a espontaneidade, proporcione no aprendente uma partida para

um fazer pedagógico onde o sujeito seja compreendido em seus aspectos individuais, temporais e culturais historicamente construídos.

Nesse contexto, as instituições precisam favorecer as aprendizagens nos anos iniciais do Ensino Fundamental, possibilitando diferentes saberes, respeitando os limites dos aprendentes, ofertando uma educação de qualidade, proporcionando espaço e se consolidando como um relevante ambiente de formação, pois tem um caráter influenciador no desenvolvimento cognitivo do aprendente, auxiliando no seu aprendizado enquanto sujeito autônomo com suas especificidades culturais e sociais.

De acordo com o Referencial curricular (1998), a criança é um ser social e histórico e que está em processo de formação. E por isto é preciso tomar como meta alguns objetivos gerais, de modo a articular o processo educativo, e as necessidades das crianças: “Intenções educativas que estabelecem capacidades que às crianças poderão desenvolver como consequência de ações intencionais do professor. O que auxilia na seleção de conteúdos e os meios didáticos a serem utilizados”. (BRASIL, 1998.p.47).

Essa estrutura permite uma segurança e flexibilidade na organização do trabalho do ensinante, permitindo as instâncias de desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo, ético, estético, de relação interpessoal e inserção social da criança, onde o brincar caracteriza o uso do corpo para uma melhor expressão das emoções e a coordenação motora.

Nesse contexto, vai da ordem cognitiva que deve envolver a comunicação do pensar, as resoluções de problemas, permeando pela ordem afetiva para uma melhor convivência e autoestima, ordem a estética que proporciona a produção cultural e artística do aprendente.

Nesse sentido, no que se refere a ordem ética denominadas para a construção de valores para a relação interpessoal, destaca-se os valores de convivência com os diferentes costumes e cultura, e, por fim, as de ordem de inserção social que se classifica como a possibilidade que a criança deva a ter com relação à participação dela na comunidade e sociedade.

Dentro dessa perspectiva, as práticas mediadoras para a aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve apresentar na contemporaneidade como um lugar onde o fazer pedagógico precisa estar presente com objetivos e metodologias bem definidas a fim de possibilitar uma atuação ensinante que vai além do brincar, integrando saberes e ampliando aprendizagens.

Trata-se de perceber a necessidade de organização da prática pedagógica, priorizando os aspectos inerentes ao aprendente tais como a adaptação, a interação com outros aprendentes, a leitura de contos, a brincadeira e os jogos, dentre outros.

Toda essa organização pedagógica que se faz nos anos iniciais do Ensino Fundamental tem maior importância e que precisa ser valorizada e integrada à vida do aprendente, pois a tríade entre o educar e o brincar são fatores importantes que precisam caminhar juntos para que o processo de desenvolvimento e aprendizagem aconteça.

Dessa forma, os anos iniciais do Ensino Fundamental pode ser definidas como uma etapa primordial para o aprendente, sobretudo porque esta tem a oportunidade de compreender o mundo social na interação com outros sujeitos que não sejam os membros de sua família e é nesse contato com o mundo exterior que ocorrem a formação dos conceitos sociais, contribuindo assim para uma formação indispensável ao sujeito, razão que evidencia a relevância do fazer docente em torno do desenvolvimento cognitivo do aprendente.

Para que os requisitos sejam construídos, cabem também as instituições a elaboração dos seus Projetos Pedagógicos de maneira coletiva, flexiva e culturalmente engajada com os aprendentes e suas relações. Entretanto, os fundamentos norteadores que devem orientar os Projetos Pedagógicos desenvolvidos nas instituições devem apresentar terem os seguintes itens com descreve Brasil (1998, p.45):

Princípios éticos da autonomia. Da responsabilidade a solidariedade e do respeito ao bem comum, [...] políticos dos direitos e deveres de cidadania do exercício da criticidade e do respeito à ordem Democrática, estéticos da sensibilidade. Da criticidade da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Aspectos estes que estão ligados a interdisciplinaridade, as inclusões e a acessibilidade para o aprendente em todas as suas limitações e anseios, onde visa uma educação para a integração e socialização, e como se denomina uma etapa de Educação Básica é porque se aplicam todos os princípios de educação de qualidade.

Para que isto esteja acontecendo em todas as instâncias nas quais estão à educação, é necessário que se veja a educação e os anos iniciais do Ensino Fundamental como algo que deve caminhar junto de maneira que possa estar sempre possibilitando o aprendente e suas especificidades uma educação de qualidade, de sustentabilidade cultural e social.

Portanto, é preciso fazer com que essa fase educacional seja realmente vista como meio pelo qual se pode provocar e estimular mudanças futuras, além de ser de

total responsabilidade de toda uma sociedade, que possa fazer com que essa educação possa fortalecer os compromissos e reforçar o papel do cidadão juntamente com todos aqueles que a defendem como fase educativa de extrema importância na vida da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa observou-se que os anos iniciais do Ensino Fundamental se configura como um espaço rico em experiências e dinâmico em interações sociais e no processo da aprendizagem. É um segmento que demanda do ensinante um preparo pedagógico consistente principalmente porque tem em si a responsabilidade de ocasionar os aprendentes o contato direto com o saber institucionalizado.

Nesse sentido, entendeu-se que o brincar deve fazer parte do cotidiano da sala de aula de escola e de pré-escola, mas precisa ser usado como um dos caminhos para o desenvolvimento da aprendizagem, ocasionando um encontro prazeroso e contínuo com o saber e com as práticas sociais.

Compreendeu-se, também, com o brincar, o aprendente vai se desenvolvendo gradualmente, conhecendo a si mesma, aos outros e ao mundo no qual está inserida. Assim, o brincar se caracteriza como fator crucial para o seu desenvolvimento global. É a partir da brincadeira que se consegue transformar sua realidade, sua cultura e expressar como se sente e como lidar com todas as experiências de sua vida; sejam elas positivas ou não, permitindo a elaboração de conflitos.

No cotidiano, percebeu-se que os aprendentes estão sempre imersas no mundo da brincadeira, seja no ambiente da própria casa, na escola, no parquinho, envolvendo a participação dos familiares, amigos e pares, em grupo ou mesmo individualmente, com a presença ou não de brinquedos.

Contudo, entendeu-se que o brincar, no contexto escolar, especificamente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, deve ser compreendido como uma ferramenta e/ou estratégia essencial para estimular e, com isso, favorecer o processo de aprendizagem com vistas a trabalhar as capacidades, habilidades e as potencialidades dos aprendentes. Todavia, nesse processo é imprescindível que sempre se considerem as necessidades e as singularidades de cada aprendente.

Dentro dessa perspectiva, configurando a hipótese da importância no uso do brincar como estratégia e configuração no espaço da escola desenvolve no aprendente uma aprendizagem eficaz, percebeu como o presente trabalho a entender que a brincadeira se utilizada dentro de uma estrutura pedagógica bem elaborada, torna-se um relevante instrumento de aprendizagem, constituindo-se, assim, em uma ferramenta didática essencial para o trabalho docente.

Portanto, foi um estudo que ressignificou as visões em torno do trabalho didático a ser realizado com o aprendente e na medida em que abriu outras vertentes de estudo e de entendimento sobre a brincadeira, tendo no planejamento didático a oportunidade de estruturar o uso do brincar voltado para a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. et al. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: interamericana, 1980.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1998.

CERQUEIRA, T. C. S. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível**. In: Revista de psicologia. V. 7, n. 1, p. 29-38, jan/jun 2006.

CRUZ, José M. de O. **O processo de ensino aprendizagem na sociedade de informação**. In: Educação social. Campinas, v. 29, n 105 p. 1025-1042 set/dez 2005.

DAMASIO. F. B. & MELO, M. D. **A fundamentação teórica na teoria da aprendizagem significativa**. In: experiências em ensino de ciências. v. 8, n. 2 Santa Catarina, 2013.

FORTUNA, Tânia Ramos. **A reinvenção da infância: pátio educação infantil**. Porto Alegre: ano II, N6, Dez 2004/Mar 2005.

GAGLIARI, Luiz C. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BO-BU**. São Paulo: Scipione, 1999.

MOREIRA, M. A. **Organizadores prévios e a aprendizagem significativa**. In: Revista chilena de Educação científica. v. 7, n. 2 p. 23-30. 2008.

MORENO, Gilmara Lupion. **Organização do trabalho pedagógico na instituição de educação infantil**. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (Org.). Trabalho pedagógico na educação infantil. Londrina: Humanidades, 2007.

NEVES, Rita de Araújo. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. In: Unirevista, v.

1, n. 2, 2006.

PELLIZARI, A. et al. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel.** *In:* Revista PEC. v. 2, n.1 p. 37-42 Curitiba, 2002.

PIAGET, J. **Aprendizagem e conhecimento.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

TUNES, E. et al. **O professor e o ato de ensinar.** *In:* cadernos de pesquisa. v. 35, n. 126, p. 689-690, set/dez. 2005.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: artes médicas. 1998.